

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: O DESAFIO DIÁRIO DOS ALUNOS E AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES EM FAZER COM QUE OS ALUNOS EVOLUAM DE UM ESTÁGIO PARA O OUTRO

Silvana Lemes de Souza ¹

Linda Catarina Gualda ²

RESUMO: O presente artigo, fruto de uma pesquisa desenvolvida em parceria com a Diretoria de Ensino da região de Itapetininga e as escolas a ela jurisdicionada, tem como objetivo identificar as dificuldades que os professores sentem em sala de aula para promover a evolução dos seus alunos de um estágio para o outro, tendo em vista que os dados apresentados por meio das avaliações externas demonstram um alto índice de alunos que se encontram no nível abaixo do básico. Foram utilizados na metodologia do trabalho a pesquisa bibliográfica enquanto ferramentas e um questionário com questões abertas e fechadas, bem como a análise documental como fonte de coleta de dados. Os questionários foram aplicados aos professores que lecionam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, (1º ao 5º Ano), em seguida procedeu-se a categorização das questões abertas para uma análise comparativa entre as dificuldades enfrentadas pelos professores no que se refere à evolução dos alunos de um estágio para o outro e os níveis de proficiência em que os alunos se encontram. Verificou-se que os professores sentem dificuldades no trabalho diário e que essa dificuldade está relacionada a fatores que vão desde a defasagem na formação docente a fatores comportamentais manifestados em sala de aula pelos alunos.

Palavras-chave: Aluno. Desafio. Dificuldades. Evolução. Professor

INTRODUÇÃO

Ao apresentarmos as palavras desafio e dificuldade e solicitarmos que alguém familiarizado com os textos na área da educação faça uma correlação das palavras com aluno e professor, automaticamente essa pessoa irá associar dificuldade com aluno e desafio ao professor. O presente estudo experimental faz justamente o oposto, associa a dificuldade com professor e o desafio com o aluno, essa associação é intencional na medida em que numa relação pedagógica de ensino e aprendizagem envolvendo aluno e professor, o adulto da relação pedagógica responsável pelo processo de ensino aprendizagem com seus alunos, é o professor, sendo ele instrumentalizado e preparado para tal, ao passo que para o aluno a aprendizagem da escrita e da leitura é uma novidade, dessa forma, para esse aluno cada fase, cada momento se apresentam como desafio a ser superado e uma aprendizagem a ser processada.

¹Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade John F. Kennedy – Buenos Aires/Argentina, silvana.souza09@educacao.sp.gov.br

² Pós Doutora em Literatura e Cinema pela Universidade Federal de Mato Grosso, lindacatarina@hotmail.com

Durante o processo de aprendizagem, em se tratando da aquisição do sistema de escrita e leitura, os obstáculos enfrentados por esses alunos podem permitir sua evolução ou evolução em escalas mais lentas, nesse sentido, o termo desafio é mais apropriado ao aluno, no entanto, quando o professor se depara com o aluno que estacionou em um dos estágios e simplesmente não consegue facilitar ou promover a evolução, a quem pertence a dificuldade? Ante o exposto, acredita-se que o professor enfrenta dificuldades nessa mediação, tendo em vista que os dados das avaliações externas demonstram um grande número de alunos se encontram em níveis insuficientes de aprendizagem.

Dessa forma, o estudo apresentado nesse artigo tem como objetivo, identificar as dificuldades dos professores em promover a evolução dos seus alunos dos 3º e 5º anos iniciais do Ensino Básico das escolas da Rede Pública Estadual de Ensino da região de Itapetininga e fazer uma correlação com os níveis de proficiência em leitura, escrita e matemática em que esses alunos se encontram.

Sendo assim, além da análise dos níveis de proficiência, foi elaborado um questionário que foi aplicado aos professores, tal questionário contém questões abertas e questões fechadas, tendo por finalidade verificar como os professores entendem essa não evolução no processo de construção da aprendizagem por parte dos alunos nas anos iniciais do Ensino Fundamental.

O artigo aborda uma breve retrospectiva sobre os projetos da Secretaria Estadual de Educação que foram instituídos com a finalidade de promover a alfabetização dos alunos nas anos iniciais do Ensino Fundamental, incluindo desde os Ciclos Básicos de alfabetização, Ciclo Básico em Jornada Única de Trabalho Docente, até as capacitações e formação docente no local de trabalho, tendo como ponto de referência os projetos instituídos no Estado de São Paulo. Posteriormente a diferenciação dos conceitos alfabetização e letramento sob a ótica das recentes pesquisas na respectiva área, por fim a análise dos dados coletados por meio dos instrumentos de pesquisa e a compreensão do fenômeno não evolução de um estágio da aprendizagem ao estágio subsequente.

METODOLOGIA

Foi utilizado como ferramentas de pesquisa, artigos científicos publicados nos últimos dez anos, sites de pesquisa que disponibilizam artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, bem como pesquisas desenvolvidas disponibilizada e publicadas em livros e anais

de congressos. Os instrumentos para coleta de dados que utilizados no presente estudo foram o questionário aberto e análise documental.

O questionário foi elaborado com questões abertas e fechadas divididas em 7 seções. Na seção 1, as perguntas forneceram elementos para verificar e quantificar o tempo de formação e se o professor tem conhecimento e domínio das fases da escrita. Na seção 2 as questões abertas forneceram dados para categorização sobre a escolha da profissão docente. Já na seção 3 as perguntas indicaram elementos para avaliar quais são as maiores dificuldades do professor durante o processo de alfabetização. As seções 4 e 5 forneceram elementos para analisarmos o quanto o professor está atualizado sobre as novas concepções de ensino e as pesquisas atuais em sua área de atuação, bem como o seu grau de conhecimento sobre a Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem.

A seção 6 contém questões abertas que permitirão verificar e analisar a valorização do professor em seu local de trabalho e sua concepção de ensino. Finalmente a seção 7, que contém uma única pergunta, entretanto livre, pois o professor irá utilizar o espaço para um desabafo, dessa maneira espera-se que ele registre sua insatisfação ou não e o que mais lhe incomoda no exercício da profissão.

Os questionários foram distribuídos entre 7 escolas que oferecem Ensino Fundamental de 9 anos para serem respondidos por 60 professores que lecionam nos 1º, 2º, 3º 4º e 5º anos. Conforme os questionários forem respondidos cada professor participante irá colocar novamente no envelope e em seguida deverá lacrar e encaminhar para a Diretoria de Ensino de Itapetininga, seguindo as instruções que estão na carta de apresentação acompanhando os questionários. Os questionários não apresentam a identificação do participante, apenas da Unidade Escolar em virtude da devolutiva da pesquisa que será apresentada à Diretoria de Ensino de Itapetininga.

DESENVOLVIMENTO

O Ciclo Básico foi instituído na década de 80 com o objetivo de diminuir e posteriormente zerar o índice de analfabetismo e evasão escolar nas escolas da Rede Pública Estadual de Ensino. Segundo Duran (2005), tal medida foi um divisor de águas na história da alfabetização em virtude de propor mudanças de ordem estrutural, comportamental e metodológica tanto para alunos como para professores. A tônica da proposta foi a unificação dos dois anos iniciais de escolaridade permitindo a progressão dos alunos nesses ciclos de aprendizagem. Dessa forma, o aluno não ficaria retido ao final do 1º ano, passando para o 2º

ano com a possibilidade de evoluir em seu processo de alfabetização. A proposta visava não permitir que o aluno ficasse estagnado por muito tempo no primeiro ano, fato esse recorrente na época e que posteriormente elevava cada vez mais os índices de evasão e reprovação escolar.

Considera-se como mudanças de ordem estrutural a unificação dos ciclos de aprendizagem, o horário de permanência dos alunos e professores na escola, o aumento da carga horária do professor e a promoção da capacitação dos professores em horário de trabalho, pois demandou na época a reorganização das escolas para se adaptarem com o novo horário e ainda a responsabilidade em atenderem toda a demanda escolar. As mudanças de ordem comportamental ocorreu na forma de se olhar o ensino e o aluno, pois a visão crítica do Ensino Fundamental de 8 anos que na década de 80 se apresentava de forma excludente em relação às camadas menos favorecidas da sociedade, levou os professores a uma revisão dos conceitos pré concebidos sobre os estereótipos da não aprendizagem por parte do aluno.

Já as mudanças de ordem metodológica, ocorreram no âmbito da revisão dos métodos de ensino e na forma de sua abordagem, principalmente influenciados pelos estudos de Ferreiro e Teberosky e a implantação do Projeto Ipê no Estado de São Paulo, que continha as principais diretrizes e concepções pedagógicas de ensino. Essa nova concepção de ensino/aprendizagem levaria na concepção de Duran (2005) repensar o fracasso escolar e a prática pedagógica, pois as abordagens medicalizadas e psicologizadas estavam por um fio, tais abordagens tinham como pano de fundo a teoria da carência e do déficit cultural, atribuindo às famílias e ao meio social todo o peso do fracasso escolar. As mudanças prosseguiram nos anos subsequentes, segundo Neubauer; Davis e Espósito (1996) foram implantados outros projetos que beneficiariam os alunos e professores, tais como, a Jornada única de Trabalho, Progressão de ciclos, Classes de Aceleração, Recuperação de Ciclo, Progressão Continuada, Progressão Parcial.

As principais tendências pedagógicas nesse período, bem como no período posterior se pautavam na identificação das fases da aquisição da linguagem escrita definidas por Ferreiro, na concepção de aprendizagem Walloniana destacando que a construção da cultura e o desenvolvimento da aprendizagem ocorrem por meio dos processos de alternância, preponderância e predominância das dimensões afetivas, cognitivas e motoras, especificando cada estágio e os processos que ocorre em cada fase. Os pressupostos Montessorianos também em evidencia ressaltavam a importância de se desenvolver a autonomia do aluno, suas habilidades tanto motoras como sociais e cognitivas, destacando a fonética do alfabeto como uma forma facilitadora para a compreensão e construção do processo de escrita.

As capacitações e formação docente em local de trabalho continuaram nos anos subsequentes como pode ser observado no quadro 1. Ressalta-se que no ano de 2005 com os resultados das avaliações externas, SARESP, Prova Brasil, o IDEB apontou baixos índices de aprendizagem, dessa forma buscou investir na formação do professor estimulando a reflexão aprendizagem, alfabetização e letramento.

Observa-se por meio do quadro 1 que propostas e ações com vistas à melhoria do ensino tem sido implantada desde a década de 80 e que na atualidade parte desses cursos de capacitação docente são mantidos.

Quadro 1 – Propostas por ano de implantação.

ANO	PROPOSTA	OBJETIVO	AÇÕES	PÚBLICO ALVO
1983	CICLO BÁSICO/ S.P	Diminuir a evasão e repetência.	Unificação das 1ª e 2ª séries sem interrupção e divisão dos Ciclos.	ALUNOS
1985	PROJETO IPÊ/SP	Promover discussões sobre as principais concepções de alfabetização .	Cursos informativos com utilização de multimeios e materiais impressos	PROFES SORES
1988	JORNADA ÚNICA	Diminuir a evasão e repetência e mudar a percepção do professor sobre o processo de alfabetização	Aumento da permanência do aluno em sala de aula, inserção de Artes e Ed. Física nos currículos, aumento da carga horaria do prof. para 40h	ALUNOS E PROFES SORES
1988	CEFAMs	Aperfeiçoamento na formação docente.	Formação integral do professor para atuar na Ed. Infantil; estágios supervisionados.	PROFES SORES
1997	CLASSES DE ACELERAÇÃO	Correção de fluxo.	Capacitação docente para utilização do material Ensinar e Aprender.	ALUNOS
1997	PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais)	Nortear o trabalho pedagógico em sala de aula.	Instrumentalizar a equipe docente na elaboração do Plano de Ensino.	PROFES SORES E ALUNOS
1990	PROCAP (Programa de Capacitação do Professor)	Capacitação do professor.	Cursos de formação.	PROFES SORES
1996	PROGRESSÃO CONTINUADA	Diminuir a evasão e repetência.	Avaliação formativa ao final dos ciclos.	ALUNOS
1999/2005	LER E ESCREVER, LETRA E VIDA	Fomentar a pesquisa por meio de estudos e reflexões sobre a prática da leitura e escrita.	Capacitação docente em serviço, nos momentos de HTPC, (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo)	PROFES SORES
2004	PROGESTÃO	Utilização das tecnologias da informação e comunicação	Cursos de capacitação nas grandes universidades	GESTORES
2010	EMAI (Educação matemática nos Anos Iniciais)	Instrumentalizar o professor para o ensino da matemática.	Cursos de formação em serviço	PROFES SORES
2012	PNAI (Programa Nacional da Alfabetização na Idade Certa)	Alfabetizar todos os alunos até os 8 anos de idade.		ALUNOS

Elaborada pelas autoras com base em dados obtidos no site www.educacao.sp.gov.br

Ao refletirmos sobre os cursos de formação docente e as propostas de melhoria do ensino público, como apontados no quadro 1 principalmente nos anos iniciais, confrontando com os resultados das avaliações externas, percebe-se que as contas não fecham, como pode se verificar nos quadros 2 e 3 a seguir:

Quadro 2 – Nível de Proficiência/L. Port.

DIRETORIA DE ENSINO DE ITAPETININGA							
SARESP		Ling. Port./2016		Ling. Port./2017		Ling. Port./2018	
NÍVEL DE PROF./SERIES		3º	5º	3º	5º	3º	5º
INSUFICIENTE	A.BÁSICO	6.7	2.4	9.3	5.6	3.5	3.0
	BÁSICO	23.6	20.0	16.3	21.7	19.7	15.7
SUFICIENTE	ADEQ	56.0	36.1	57.3	36.8	47.9	41.7
	B+ADEQ	79.6	56.1	73.6	58.5	67.6	57.3
AVANÇADO		13.7	41.5	17.1	35.9	28.9	39.7

Elaborado pelas autoras com base nos Boletins do Saresp

Quadro 3 – Nível de Proficiência/Matemática

DIRETORIA DE ENSINO DE ITAPETININGA							
SARESP		Matemática/2016		Matemática/2017		Matemática/2018	
NÍVEL DE PROF./SERIES		3º	5º	3º	5º	3º	5º
INSUFICIENTE	A.BÁSICO	13.9	7.9	9.1	8.7	10.6	7.3
	BÁSICO	19.5	28.3	34.1	24.4	20.1	19.5
SUFICIENTE	ADEQ	28.6	37.7	38.5	32.8	30.3	34.7
	B+ADEQ	48.1	66.0	72.6	57.2	50.4	54.1
AVANÇADO		38.0	28.1	18.3	34.0	39.1	38.6

Elaborado pelas autoras com base nos boletins do Saresp

Observa-se que o percentual tanto em Língua Portuguesa como em Matemática é bem expressivo no nível Insuficiente, tanto no 3º ano como no 5º ano do Ensino Fundamental, demonstrando, portanto, que os professores não estão conseguindo cumprir a meta da alfabetização na idade certa, ou seja, alfabetizar seus alunos até os 8 anos de idade.

Geralmente os alunos que permanecem no nível de proficiência insuficiente e abaixo do básico, são os que apresentam prejuízo no processo de alfabetização e letramento. Eles podem até reconhecer as letras do alfabeto, compor orações curtas e simples, no entanto, ainda não consolidaram as habilidades de interpretar o que leram, dessa forma, considerados como não letrados. Embora os termos alfabetização e letramento possam parecer semelhantes, de acordo com Soares, (2004) os significados diferem um do outro, enquanto na alfabetização o aluno domina técnicas do escrever, o aluno letrado domina a habilidade em escrever e a

utilização da leitura, sendo capaz de imergir no imaginário que a leitura proporciona e interagir com esse universo, ao ponto de compreender, interpretar e inferir.

Acrescenta Perissé (1998), o ato da leitura pressupõe três ações: ler, pensar e escrever e a para tanto, o leitor ao fazê-la utiliza os 5 sentidos, a visão ao olhar para o livro, o tato ao foliar suas páginas, a audição ao ouvir o barulho delas, o olfato sentindo o cheiro da tinta no papel e o paladar ao molhar os dedos no virar de cada página. Dessa forma, podemos afirmar que o aluno letrado apresenta essa fantástica habilidade de ler, a capacidade de pensar e a destreza ao escrever.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Das 7 escolas participantes, apenas 6 devolveram os questionários e dessas 6 escolas uma delas devolveu o envelope da mesma forma que foi entregue, ou seja, os envelopes não foram entregues aos professores. Foram distribuídos 60 questionários, no entanto apenas 48 devolvido e desses 48, 17 questionários retornaram em branco, sendo apenas 31 deles respondidos, ou seja, dos 60 professores participantes, 52 % responderam ao questionário.

De acordo com as questões dos campos 1, 2, e 3 foi elaborado o quadro 4 contendo idades dos professores, tempo de magistério, utilização de recursos e multimídias em sala de aula, e participação em cursos de capacitações oferecidas pela Secretaria Estadual de Educação e outras entidades:

Quadro 4- Idade, Tempo de Docência e Utilização de Recursos Tecnológicos em sala de aula

IDADES	TOTAL	TEMPO/ SERVIÇO	USA REC. TEC		USO DO CELULAR			CAPACITAÇÃO DOCENTE	
			SIM	NÃO	FAVOR	CONTRA	DEPENDE	DA SEE	OUTRA
20 a 29	1	8 anos	1	0	0	0	1	Total	Total
30 a 39	2	16 a 18	0	1	0	0	1	30	1
40 a 49	10	11 a 29	9	1	2	5	3	X	X
50 a 69	13	11 a 35	7	6	5	8	0	X	X
60 a 69	4	8 a 30	2	2	1	3	0	X	X
70 a 72	1	36	0	1	0	1	0	X	X

Elaborado pelas autoras

Observa-se que dos 31 professores que responderam ao questionário 19 deles afirmam fazerem uso de recursos audiovisuais em suas aulas e 12 deles não fazem uso, apenas citam que utilizam sites de pesquisa para prepararem suas aulas. Observa-se ainda que apesar de afirmarem fazer uso das tecnologias, apenas 8 são favoráveis à utilização de celular em sala

de aula, 12 deles são contra e 5 responderam que depende da finalidade desse uso. De acordo com o quadro, podemos observar que dos 31 professores participantes apenas 1 participa de capacitação docente fora do local de trabalho e oferecida por entidade particular, os outros 30 se limitam às capacitações da SEE. Observa-se também com relação às idades dos professores participantes, 28 estão concentrados entre os profissionais com mais idade, sendo eles da faixa etária dos 40 aos 72 anos de idade.

Com relação à categorização dos dados sobre as dificuldades, embora os professores tenham relatado como desafio e desabafo, as respostas dadas se misturam entre dificuldades e desafios como pode ser visto no quadro 5. Ressalta-se que de acordo com as respostas, muitos professores não souberam separar e diferenciar dificuldades, desafio e desabafo.

Quadro 5- Dificuldades, desafios e desabafos sobre a docência.

CATEGORIAS	DIFICULDADES	DESAFIOS	DESABAFO
ENSINAR-IGUALAR E EVOLUIR DE ESTAGIOS	4	11	
MANTER A DISCIPLINA	3	5	
CONVIVER COM A DIVERSIDADE ENSINAR ALUNOS DE INCLUSÃO	2	4	
FALTA DE TEMPO			
AUXILIAR QUEM TEM DIFICULDADE		5	
CUMPRIR METAS E BUROCRACIAS	1	2	
MOTIVAR E DESPERTAR O INTERESSE TORNAR A AULA ATRATIVA		4	
PROBLEMAS FAMILIARES-SALARIO- FALTA DE RECURSOS- MATERIAL TRANSFERENCIA DE RESPONSABILIDADES SALAS SUPERLOTADAS-VALORIZAÇÃO	11		29
NÃO TEM DIFICULDADE	12		
PREPARAR MATERIAL, PLANEJAR A ROTINA CUMPRIR AS METAS, ENSINAR COM ALGUÉM ME OBSERVANDO			1
TRABALHAR COM SERIES QUE NÃO ESTÁ ACOSTUMADA			1

Elaborado pelas autoras

Segundo nos mostra o quadro 5, apesar de 12 professores informarem que não apresentam nenhum tipo de dificuldade em sala de aula, observa-se que na questão dos desafios os mesmos professores apontam categorias que nos remete às dificuldades, como podemos perceber na resposta sobre ensinar e ao mesmo tempo permitir que todos os alunos estejam no mesmo estágio de aquisição da linguagem escrita. Podemos considerar que se o professor não tem dificuldade em ensinar, a evolução de um estágio para o outro deveria ser apenas o resultado ou consequências do seu ensino e da sua não dificuldade em ensinar.

Constata-se que apenas 1 professor colocou como desabafo a sua dificuldade em vários aspectos, dificuldade em planejar e organizar material e principalmente a dificuldade em conseguir trabalhar com alguém na sala observando o seu trabalho. Outro caso que nos chama a atenção é o fato de um professor ter colocado em seu desabafo, suas dificuldades em lecionar para outros anos que não está habituado, nos levando à compreensão de que ficou anos com determinada ano e agora com a troca, sente dificuldades.

No que diz respeito ao conhecimento dos professores sobre as teorias e tendências pedagógicas, bem como o conhecimento sobre psicologia do desenvolvimento e aprendizagem, de acordo com as respostas dos professores, percebe-se o pouco conhecimento sobre o que na verdade deveria ser algo já compreendido e assimilado. Ressalta-se que nesse quadro os professores poderiam elege mais de 1 pensador.

Quadro 6- Pensadores e Educadores que os professores utilizam e não utilizam como apoio pedagógico

PENSADORES	UTILIZA	Motivos	Ñ utiliza	Motivos
PAULO FREIRE	17	Os livros são bons		
MARIA MONTESSORY	2		3	Não gosta do método por não condizer com a realidade
JEAN PIAGET	13	Ensina a criança a ler o mundo		
HENRY WALLON	2		3	Discorda do pensamento
VYGOTSKY	10			
EMILIA FERRERO	11	Constam no material de apoio da SEE.	4	Boa teoria e prática a desejar, O aluno não aprende.
TODOS	5	Visão sobre a educação		
NENHUM			4	Não justificaram
OUTROS	1	Anizio Teixeira, Cecília Meireles, Rousseau, Rui Barbosa (não justificou a escola)		

Elaborado pelas autoras

De acordo com o quadro 6, os professores poderiam escolher dentre os educadores e pensadores apresentados vários deles, desde que justificassem essas escolhas, os resultados apontaram que 17 que citaram Paulo Freire utilizaram como justificativa que os livros são bons, os 13 que elegeram Jean Piaget justificaram que o mesmo ensina a criança a ler o mundo, 11 que optaram por Emília Ferreiro justificaram que a educadora é citada nos materiais de apoio da SEE.

Com relação à não utilização de determinados educadores/pensadores, 3 professores declararam não utilizarem Maria Montessori por não gostarem do método e o mesmo não ser condizente com a realidade, já os 3 professores que responderam não utilizarem Henry Wallon, justificam que discordam do pensamento do mesmo. 4 professores elegeram Emília Ferreiro como educadora que não utilizariam em sala de aula em virtude da mesma ter uma ótima teoria porém a prática deixa a desejar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi identificar as dificuldades que os professores dos anos iniciais sentem em promover a evolução dos seus alunos de um estágio para o outro e fazer uma correlação com os níveis de proficiência em leitura, escrita e matemática dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A hipótese se pautava na afirmativa de que o professor apresenta dificuldades em ensinar e promover o avanço dos seus alunos nos estágios de evolução da linguagem escrita, ao passo que para o aluno essa aprendizagem se apresenta como um desafio a ser superado.

De acordo com os resultados obtidos por meio do questionário, observa-se no quadro 5 que 19 professores declararam ter dificuldades em ensinar e 12 declaram não terem dificuldades, entretanto, os mesmos professores que informam a não dificuldade, sinalizam o oposto no momento em que relatam os desafios do trabalho diário em sala de aula, ou seja, apontam que ensinar a ler e escrever, fazer o aluno evoluir, trabalhar com as diferenças, manter a disciplina e tornar a aula atrativa como desafios diários, não assumindo isso como dificuldade. No mesmo quadro, no item sobre desabafos, momento de liberdade de expressão do professor, 29 deles sinalizaram que as coisas que mais atrapalham e interferem no trabalho do professor, justificando o fato de o aluno não aprender e não evoluir é a falta de recursos e materiais, salas superlotadas e transferência de responsabilidade da família para a escola.

Esse fato sobre falta de recursos e materiais pedagógicos associados à formação docente entra em conflito quando comparamos com as respostas sobre a utilização de recursos em sala de aula, no quadro 4 pois uma parcela considerável informou não utilizar recursos e tecnologias em suas aulas, porém não pela falta deles e sim por considerar desnecessário sua utilização nessa faixa de escolarização.

Com relação à utilização ou não de determinados pensadores e educadores segundo o quadro 6, as respostas dadas pelos professores apontam um total desconhecimento e não compreensão das ideias e tendências pedagógicas utilizadas na Rede Pública Estadual de

Ensino, bem como a não compreensão de como a criança em fase inicial de escolarização aprende. Esse desconhecimento fica evidente nas justificativas dadas pelos participantes da pesquisa, ao responderem que discordam do método sem apresentar justificativa. Outra evidência, pode ser notada nas respostas dos professores que não utilizam Emília Ferreiro justificando que a teoria é ótima e a prática deixa a desejar, percebemos que parte dos professores ainda não assimilaram os pressupostos das ideias da educadora.

Nota-se que com relação aos professores que não utilizariam Maria Montessori, justificando não gostar do método em virtude do mesmo não condizer com a realidade, também evidencia desconhecimento da contribuição e relevância do trabalho e anos de pesquisa da educadora. Percebe-se mais uma vez que parte dos professores não tem ideia sobre as teorias cognitivistas e sociointeracionistas presentes nos materiais e nas capacitações oferecidas pela SEE.

Ao fazermos a correlação entre as dificuldades dos professores com o nível de proficiência dos alunos demonstrados nas avaliações externas nos anos de 2016, 2017 e 2018, o índice de alunos dos 3º e 5º anos das escolas da Rede Estadual de Ensino da cidade de Itapetininga expostos nos quadros 2 e 3, indicando que tanto em leitura, escrita e matemática o índice de alunos que estão em nível insuficiente abaixo do básico é bem expressivo. Considerando que todos os alunos avaliados passam por 2 anos de escolarização antes da avaliação ser aplicada. Esses dados associados às respostas obtidas nos questionários, demonstra que os professores apresentam várias dificuldades de âmbito pedagógico e didático. Embora os mesmos não percebam essa dificuldade, transferindo-as para outras questões como indisciplina, descaso familiar, dentre outros, ficou evidente que dos 31 professores participantes, suas respostas foram genéricas, nenhuma delas de fato exemplificou ou explicou a ideia central dos pensadores apresentados, até mesmo o professor que apresentou pensadores que não constavam na lista, também não soube explicar a contribuição do mesmo.

Dessa forma, a evolução da aprendizagem é um desafio para o aluno, ao passo que para o professor promover essa evolução, esse fato se apresenta como uma dificuldade, tendo em vista que o desconhecimento das ideias e tendências pedagógicas demonstrados pelos professores participantes da pesquisa, associados à não compreensão dos processos e mecanismos de construção do pensamento da criança, a dificuldade em promover o avanço dos alunos de um estágio de desenvolvimento para o outro se torna um fato evidente e previsível.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento:** caminhos e descaminhos. Revista Pátio. Artmed Editora. Unesp: São Paulo, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização:** as muitas facetas. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª Reunião Anual da ANPED, realizada em Poços de Caldas, MG, de 5 a 8 de outubro de 2003.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: UNESP. **Cadernos de formação:** Alfabetização. São Paulo: UNESP, p. 79-98, 2003b.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. **Presença pedagógica.** Belo Horizonte, v. 9, n. 52, jul./ago., p. 15- 21, 2003.

WEISZ, T. As contribuições da psicogênese da língua escrita e algumas reflexões sobre a prática educativa de alfabetização. In: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas pedagógicas. Ciclo básico em jornada única: uma nova concepção de trabalho pedagógico. São Paulo: SE/CENP, 1988. v.1 p.39-46.

DURAN, Maria Claret Geraes. A CULTURA DOS CICLOS NA ORGANIZAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL: MEMÓRIAS. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0340.pdf>>. Acesso em Março/2019.

NEUBAUER, Rose. DAVIS, Claudia; ESPÓSITO, Yara Lucia. Avaliação do processo de inovações no ciclo básico e seu impacto sobre a situação de ensino-aprendizagem na Região Metropolitana de São Paulo. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/view/2292>>. Acesso em Março/2019.

PERISSÉ, Gabriel. **Ler, pensar e escrever.** Fortaleza/CE: Editora Arte e Ciência, 1998.